

e l o n c a r v a l h o .. a n t o n i o m o r e i r a .. r o m e u t h o m é

Vetor

momento do... alvaro moreyra

aristoteles

"vetor"

academia...

Com um pouco de altrizo e verdade, mas num grande esforço, conseguimos trazer até você mais um numero de "vetor".

Depois de um primeiro numero de 10 paginas, coisa que até hoje nenhum outro jornal conseguia fazer no Colégio Pedro II; depois de um segundo numero de 14 paginas ainda não egualadas por qualquer jornal desta casa, seria difficil, para não cairmos na monotonia, idealisar outro methodo para o terceiro contacto com você. Encontramo-lo, não obstante. Voltamos as 10 paginas iniciais. Envolvendo-as directamente a você, sem outra remuneração senão a satisfação de vermos alcançado mais uma vitória, temos a certeza de que fazemos coisa absolutamente nova na imprensa collegial.

Mas, "vetor" não fez só isso. Fez muito mais. Foi o inventor da moicidae que frequenta o Colégio Pedro II, e começou pelos cartazes. Depois da propaganda do nosso apuramento, que por esta forma realizamos, todo ano de 1934 foi feita paratada de cartazes bonitos.

Quasi junto conosco, nasceu "O sereno". Depois "Índia-Bra". "A índia" no Colégio. "Acetoli". "A Interrogatório". "A ideia", no Pedro II, e, finalmente, "Egide".

Todos eles reaparecerão em 1935 para continuar a vida que tão bem souberam iniciar fortalecidos, pelos ensinamentos da experiência, no lado do "Arauto", "Pronome", "Noticiário" e "Cronicas e Letras". Então leremos 10 jornais em circulaçáo.

Portanto, o que nos conforta é o termos sido precursores desta Renaissance, que se operou no Pedro II durante 1934.

A todos que colaboraram conosco e sempre nos distinguiram, fazemos votos para que sejam bem felizes no entrar o novo ano, e até 1935.

1934 foi um anno damnado para a convicção de immortalidade posta pela Academia nos seus diversos membros.

Morreu Constanço Alves, para abrir vaga ao senhor Ribeiro Couto. E depois que o senhor Ribeiro Couto encheu a poltrona vasta de Constanço Alves, lá se foram João Ribeiro, Augusto de Lima, Gregorio Fonseca, Miguel Couto, Medeiros e Albuquerque, Coelho Netto, Humberto de Campos. Ha outros fallecimentos em preparo, apesar do preço das sessões, let passado de 100 para 150 mil réis. De todos os que já partiram, uns continuaram entre nós. Se resistirem ao archivoamento em vida, resistirão á morte que ainda não é tão amigaveladora como a Academia. Eu, duvidando que exista uma pessoa, por muito exaggerada que seja, capaz de enumerar, um por um, os membros da Companhia. Embóra sempre, incompleto, o elenco adoptou certos nomes dos que a gente só se lembra quando os vê nos convites para os enterros. ... Vários deixam de conclusões. Manuel Bandeira, Gilberto Lobato, Jorge de Lima, Ronald de Carvalho, Gasião Cruz, Mario de Andrade, Ascenço Ferreira, Oswaldo de Andrade, Antonio de Alchantara Machado, Marques Rabold, José Lins do Rego, e esses rapazes de menos de trinta annos, que escreveram coizas vivas, Jorge Amado na frente, — nenhum delles está dentro daquella encadernação standardizada. Nem estava... "Da Academia Brasileira de Letras..." Rotulo para a provincia. Aqui é um espartalho. Debaixo do nome do autor, na capa de um livro, "Da Academia Brasileira de Letras" encalha a edição, sem falta. Humberto de Campos salvou-se porque adoeceu. Salvou-se João Ribeiro por que nunca levou a sério o título. Miguel Couto era extra. A Academia atrapa-lha de tal maneira a gloria dos seus adherentes, que um homem da popularidade de Paulo Barreto não ficou nem com o pseudonymo, conhecido antes: João do Rio. A Revolução, dizem os entendidos, fallou lamentavelmente. Para mim, ella fallou porque não destruiu, com um decreto, a Academia, estação de empuque.

o alcool é a mascara do crime, a fantasia da desgraça

Alcôetes é sem dúvida uma das mais vastas intelligências que ja tem podido desenvolver a nossa ethnica. Era para os Arabes que traduziram e espublizaram esta obra o "preceptor do espirito humano" um abito d'aza ser até a enciclopedia viva da antiguidade.

Vem, o "principe eterno dos verdaderos pensadores" como era denominado por Augusto Canto, entre 381 e 332 A. C. Nasceu em Stagira e faleceu em Chabell, na Pátria. Foi o fundador da famosa escola peripatetica e um dos educadores de Alexandre, o jovem rei da Macedonia, senhor de um dos maiores dominios do mundo, que tanto soube honrar seus illustres mestres. Alexandre-Marco costumava dizer que ao seu pai devia o viver e a seu mestre Aristoteles o viver sem.

Politica, Moral e Historia Natural foram suas principaes obras. Bem conhecida é tambem sua Phisioria. Primeira que fundamentamente foi sustida pelos seus traductores e commentadores de Metaphisica.

Todo seu sistema é construido como empirio do naturalismo observador, classificador. Seus combocimentos abrangiam largamente differentes ciências, tratou por que foi denominado "o pai da sciencia".

Não não se nota nem a obolvidança nem as idéas empiricistas que tanto caracterizavam seu mestre Platão de quem muito dizia: "Se os deuses quizessem falar a lingua dos homens, empregariam a de Platão."

Não admitta idéas inatas, como muito mála parte Descartes sustentava, e o saber não era para elle uma simple recordação, estabelecida e enfiava que o conhecimento vem das sensações, dando a máxima que sintetisa sua doutrina:

"Nihil est intellecta quod non prius fuerit in sensu".

no que mála tarde, aperceccionado Laboul, notavel filosofo allemão que viveu do reinado do século XVIII no principio do XVIII, acrescentou: "nihil inae intellecta".

Aristoteles não é, no entanto, um sensualista à Deste. Os sensualistas prezam que a alma é transformada, sendo pensar abstrahido.

(continua na pg 7)

arlete campos
"Instituto de Educação"

do meu diário

antonio de pádua
a elton carvalho

m a r i l i t a
(de l. de educação)
do meu cantinho
(DE UM DIÁRIO DE VIAGEM)
(a bordo — 1932)

O crepúsculo desce sobre a terra, envolvendo-a no seu manto escuro e triste!

Chega-me aos ouvidos, enchendo-me ainda mais de melancolia, o bimbalar do sino, anunciando as Ave-Marias...

Enquanto o sino badala festivo, meu coração sangra de dor!

E tu não vens, ó bem amado, trazer a primavera ao meu outono anterior!

Bem sabes que entre as rosas murchas do meu jardim, desabrochas, entre todas.

Tenho saudades do teu olhar posto no meu, do alento do teu sorriso, do conforto de tuas verbas palavras!

Vejo-te, como sempre, sorrindo-me carinhosamente e fazendo-me sonhar.

Mas... isto não passa de um delírio, e a mão cruel do Destino arrebatou-me esta visão, fazendo-me chegar à realidade.

Não, não estás junto a mim, materialmente, e sim, no meu crebro, no meu coração pequenino, e sonho acordado.

Porque não vens acalmar meu coração que pulsa descompassadamente e alentar a minha alma?

Desespero-me ante a realidade, e ao pronunciar teu doce nome, duas lágrimas descem pelas minhas faces massacradas pela dor.

Sou a arreio no meio de um deserto e o machado do Destino tenta abster-me com seus fortes e despiantados golpes.

Tenho resistido a estes embates mas, vejo-me quasi sem forças para prosseguir nesta luta titânica.

A Esperança era o meu amparo, mas hoje fuge de mim.

Somente tu poderás servir-me de estaca, para que eu continue firme, suporte os vendavais de tua ingratitude!

Mas tu não vens, tu es cego aos meus sofrimentos, e sendo assim, muito breve jazerei por terra. O talvez, quem sabe?!, nunca mais poderei erguer-me.

Não tens a compaixão de dar-me o teu braço para apoiar-me?

E eu, nesta solidão, pronunciando o teu nome que me dá alento.

O relógio anuncia-me as sete horas e os meus olhos procuram ansiosos os teus e não os encontram.

Como é doloroso o meu viver sem a tua companhia!

Não sabes avaliar a grandeza do meu amor?!

Pronunciando o teu nome com todo o meu carinho. A. B. C.

— enquantando meus olhos banhados de lágrimas.

O vento entrava, às vezes, sotilmente, no casbre. A lamprinha amarelada num estreme, plo de sombra, esguiravam-se tremulas silhuetas na parede.

As pérolas que ficaram do enterro rodopiavam no chão, como a brincar.

O rapaz esfregou desalentadamente o braço pelo rosto. Rodou o olhar vago pelas coisas.

Sebastião não viu o enteiro sair. Desde cedo, quando ela morreu, debruçara-se em pranto sobre a mesa, ali ficara como os quecido de tudo.

Desprezavam-se-lhe, agora, as sensações.

De tardinha o haviam chamado, carinhosamente.

— Você não que Jr. Tião?

— Não, respondera.

A mão fugira-lhe dos ombros, medrosa e acariaciosa.

Alguém solucava contrariadamente.

E, em pouco, os passos se afastavam na areia do jardim, o enteiro de Anhina la-se embora.

Lá fora, enchia as árvores a gralhada zinzineira das cigarras.

E ele não viu nada.

Sebastião levantou-se e foi de andar esmorecido para a porta.

Que noite bonita! O bordado a cheio de enormes copas debruçava-se de luz. Eanhos negros, pontudos cravam-se na ha.

Tudo tão branco e inovele! Só as ramagens finíssimas tremiam.

Sebastião assentou-se nos degraus. E mais uma vez foi debruçando tudo na cabeça.

Anhina era sua prima. Em menino, a viu poucas vezes; a moirva, com a mãe, vivia, numma fogu longínqua.

Uma ou outra vez falavam dela em casa. E só quando morreu lia Felicia, ela viera para morar em casa dele.

Quasi nenhuma ainda. Ele em rapaz, já trabalhava na fábrica.

N. noite em que chegou Anhina, a mãe falou-lhe longamente.

Pedia-lhe que gostasse dela, que fizesse para ela.

— Era orfan, coladinho.

Depois, ele ficou brincando horas e horas. Ao fim sorria tola mente; tinha visagens de resolução.

— "Dorvante seria o protetor de Anhina".

Anhina tinha mãe, e enternecia-o prazerosamente aquela ideia de proteger a orfanzinha.

"Sim, seria um protetor".

Mas, nos primeiros dias, Anhina levara chorando pelos cantos. Não lhe fazia córa nas risadas; tirava-o retrada, elle ficava triste e tinha pena, muita pena: "era orfan, coladinho".

Quando passaram todas as saudades, elle foi seu companheiro nos brinquedos.

Voltava cedo e iam correr nos fundos do quintal.

Ao anoitecer os chamavam da porta da cozinha.

— Ehi! Ninha... el! Tião...

Descansavam a rit sobre o velho calzeiro.

O velho calzeiro!

— Ninha, por que você não deu.

Sebastião olhou o céu. As estrelas, empapadas de lágrimas, cresciam, dilatavam-se em borboes de luz.

Mais uma vez, tomavam-no remorsos daquele pensamento. No entanto era verdade: só por aqui lo sofria tanto. Nem mesmo pelo pae chorita assim! Elle sabia: todo o seu pranto, toda a sua rala, era só por aqui.

Uma coisa exultava... Fora um momento, uma nada. Lembrava-se bem: fora naquela mesma sala...

Anhina roubou-lhe o cajá que elle guardara cuidadosamente e fugia para o terreiro.

— Ninha, me dá isso. Ela desfilava-o; fazia menielos de giso, roçando a fruta nas narinas. Azolhava-o matreiramente.

— Ven... e ria.

Ele avançou, impetuoso e enraiveido. Anhina deu uma dentada.

— Pronto! tá!

E mostrou a boca aberta, vermelha, humida como polpa de goiabá.

Ele ficou parido, olhando passivamente. Esmerava-o não sabia o quê.

Depois, veio um desalo, uma vontade imensa de morder, de esmagar os labios de Anhina!

Chegou-se tremulo, medroso. Meio assustada, Anhina fitava-o mansamente.

— Você zangou-se Tião? Toma.

— Não, Ninha, não é o cajá que ele pegara o queixo no peito.

— ...você me dá um beijo. Ninha?

— Ah! não!

Anhina abanou numa risada, paria dentro. Elle quiz também correr, seguita, mas ficou quieto, alorquando.

Naquele noite não saiu do quarto. Sentia um acobrinamento grande na cabeça, e se ela contasse nos outros?

Os labios de Anhina andaram, lhe nos sonhos. Sentia-lhes a moira turizide roçando em tudo.

Pre-nha-la-os soffremente; eles atroxavam, esvalm-se em manchas, úmidas de sangue. Depois estavam na sala. Anhina abria os braços obcecamente.

Oferecia-lhe a boca.

O ultimo amigo acanh de sair. As ordens e contra-ordens criam-se no ar, enquanto a escada de bordo vae subindo, lenta, pausadamente, como pesados de deixar a minha linda cidade.

São quatro horas da manhã; debruçada á murada do navio, vejo as luzes, semelhantes a olhos cinhantes, afastarem-se aos poucos; pensavam e fazem-me lembrar lusoos que se foram e, apenas, deixaram o suave consolo da recordação.

A saudade, essa companheira fiel e querida diz-me baixinho ao ouvido: "Consoa-te! Todos partiram mas tens-me aqui. Esta rel sempre contigo, quando relembrares os que ficaram, o tempo que passou, ou, ainda, ao procurares, ansiosa, noticias dos que prézas."

Nada mais ougo e apenas vejo, já bem longe, as ultimas luzes da minha terra adorada apagamem-se, pouco a pouco como se me quisessem dar, o seu adeus.

— "Beija, Tião.

Ele abraçou-a feliz, abobalhado. De repente, Anhina deu um grito e refugiou-se na penumbra; apontava o relógio grande da "parede

— Vê Tião... ele não deixou.

Ele olhou. A cabeça do pendulo movia aborrecidamente.

— "Beixa. Só um beijo.

O pendulo continou.

De manhã, acordara soluçando.

Desse dia em diante, não mais brincara com a pequena. Sentia medo, não tinha mais jeito para correr no fundo do quintal.

Aquele desejo... sempre aquele desejo!

Resava para Anhina aparecer nos sonhos; e ela, não mais apareceu.

Vivia atazanando, tonfo, resmunguento. A boca de Anhina brincava-lhe o dia inteiro nas palpebras. Mises e mises.

Depois, começou a esperar resignadamente, mais tarde, talvez ficassem novos.

Vivera então quasi feliz por esse pensamento. Foi quando Anhina adoeceu.

E, agora. Ah! Aquela anafreção, aquele abofrecimento do impossivel!

Ninha! levantou-se e entrou na sala. Em frente do relógio estavam aparelhadamente acomodados um instante o balancar do pendulo.

Resmungava.

— "Bebeta".

Deixou pendar de novo o rosto e entrou pelo quarto.

elton carvalho

João doido

a antonio de pádua

Ha imagens na vida, que a rellina escreve com tintas industriellivas na memoria da gente. E me lembro de João Doido, como se estivesse vivendo agora aquelle bom tempo.

Eu morava numa rua bonita, de calçadas largas, ornada de "bunzinhos" elegantes. Tinha uma pequena inclinação. Em balla passavam os bondes. A parte alta dava para um morro assim de casabres e de barracões.

Por todo o morro, fora e dentro dos casabres, a resignação de uma vida vegetativa.

Minha casa era grande e bonita, com duas entradas, uma de cada lado. Era, ainda, cercada de canteiros de onde os fleus se estendiam por sobre as grades, formando uma murralha verde.

Minha mãe me prendia muito. Também eu não preferava de sair de casa. O quintal era grande e os caminhos entre os canteiros, consultavam as aventuras da nossa cidade-minhatura. Por ellas corriam os nossos bondes, automoveis, bicicletas e treis.

Não tinha irmãos. As vezes, trepava no muro e ficava olhando a brinadeira, da garofada, que morava ao lado, na intenção de brincar com os olhos. Isto, sempre que o Juca e a Maria estavam occupados. O Juca era um maluco, pouco mais velho do que eu, que minha mãe cretava desde pequenino. A Maria fora minha ama-seca e occupava-se agora com os servícios de casa.

A tarde, ella se aprontava, me dava banho, mudava minha roupa, e entrô eu tinha meia hora de rua até que meu paé chegasse.

Nessa meia hora fazia tudo que não me era permitido fazer durante o dia. Jurava-me aos garotos da vizinhança, e não raro, era surpreendido por meu paé em companhia dos meninos do morro. E vinha decompostura na certa. Prição por uma semana que durava dois ou tres dias, graças á benevolencia de minha mãe, e pronto.

Foi em companhia dos meninos mudos e desbotados que conheci o Chico Pé de Pató, um creoulinho, o ham-ham-ban dali, marmitelleiro da pensão da esculina.

Não sei porque gostava de conversar com elle.

Não sabia ler nem reclar, mas dizia tanta coisa engraçada, chistava a gente, e não havia tarde em que não tivesse uma novidade pra contar. Todo mundo tinha medo dele. João Doido, se o pegasse, pensava eu, seria bem capaz de o matar. E, por falar em João Doido, era o tipo mais interessante daquele logar. Velho, muito velho, de barbas grandes, sujo e mal vestido, passava todas as tardes, aquella hora, suado, blindo a rua. Era o espartalho das creanças pequenas.

Diziam os moleques, que morava sozinho lá no alto do morro.

Por muito tempo, elle fora o meu divertimento, e, Chico Pé de Pató, seu maior inimigo. As vezes, a gente estava brincando muito bem, quando o Chico Pé de Pató gritava: — "ô, vem elle!" E saía correndo em direção da esculina.

A gente já sabia. Eu e os mais medrosos, fugiamos pra casa, e ficávamos, da janela, apreciando a brinadeira da garofada. Chico Pé de Pató, puxava o paleô de João Doido, e gritava, ao mesmo tempo que ria: — "João Doido!"

João Doido abalxava-se, fingia apañhar uma pedra, mas era gesto só. Não sei se por fragueza; talvez por bondade. Depois o Chico voltava com a molecada toda, gritando em côro: — "João Doido! João Doido!"

Quando elle passava em baixo da ribha janela, eu a fechava bem e ficava espreitando através das frestas. Entrô, eu não compreendia por qué os moleques tinham mais coragem do que nós que viamos presos. Também não sabia como a mãe deles deixava que mexessem com pessoas mais velhas.

Uma vez eu aventurei um grilo, da janela, que me valeu uma surra, e não me parecia que os garotos da rua apañassem elles estaviam sempre láo contentes. Dai fiquei sabendo, pelos conselhos de minha mãe, que João Doido não era mais como eu sempre supunha. E passei a olhar com tanta pena que nem mais tinha coragem de ficar na janela aquélla hora para ver a maldade do Chico Pé de Pató.

Uma tarde mamie saiu e eu fui ao portão vê-lo passar. Elle estava bem em frente á minha casa, quando, a um empurrão mais forte do Chico Pé de Pató, caiu na calçada.

Foi coisa momentânea. Apodetou-se de mim uma rinha tão grande daquele negro, que não me pude conter. Avancei sobre o moleque, e não sei que força extranha impeliu minha mão de encontro á cara dele. Ouviu-se um barulho e o negro não reagiu, ou surpreso com o imprevisto da cêna, ou, talvez, temeroso da vingança de meu pai!

Os moleques me fizeram roda, e passaram a me cortejar, não porque tivessem muita simpatia por mim, mas porque tivessem pouca pouquisssima, pelas presenças do Chico Pé de Pató. Eu preferia mil vezes ter apañado dele, all, no meio da rua, na frente de todo mundo, a ter leva-

do a surra que level de minha mãe.

Depois, sempre que João Doido passava no meu portão, parava, encaritava minha cabeça, e na hora de se despedir, beifava minha mão. Algumas vezes me punha no côlo.

Eu só temia que mamie visse essa amizade. Se ella soubesse, pensava eu, prohibiria minha ida ao portão aquélla hora. Ella não gostava que ninguém me beifasse. Cortava que meu primo apañou, assim, uma doença rúm e morreu.

Outras vezes elle me trazia um saquinho de balas. Por isso, eu tinha uma pena tão grande de João Doido, que, se não fosse o medo de uma decompostura, teria pedido a meu pai para pô-lo dentro de casa.

Um dia João Doido me pediu uma roupinha velha, que eu não usasse mais. Não pude negar. Disfarçadamente, consegui tirar da gavêta do guarda-roupas um terno de maribello, vestimenta que eu me mais adorava.

Foi nesse dia que tive a prova da triste verdade. João Doido era doido mesmo. Pra qué, que elle queria aquélla roupa?

Depois fiquei com medo das consequencias. Quando minha mãe soubesse eu levaria uma grande surra. E fiquei aguardando a hora fatal. O tempo foi passando, e a surra não veio. Parece que mamie sabia da minha amizade com João Doido, e protegia.

Mas, continuava a minha di-

vida. — Pra qué, que João Doido queria aquélla roupa?"

Voltou a olhá-lo novamente com desconfinança. Entretanto, não deixei de falar com elle.

Na vespera do Natal, eu estava dando as ultimas despedidas aos brinquedos velhos, quando João Doido passou. Deixei de lado os brinquedos e corri a cumprimentá-lo.

Na hora de ir embora, João Doido me pediu um brinquedinho velho. Fui ao portão e voltei com uma caixa cheia de soldadinhos de chumbo de que eu era "doador com poderes discredionarios".

Para que ninguém visse meu furto, escondi-a debaixo da blusa, e dei-a a João Doido, pedindo que escondesse bem.

Resamente, fiquei imaginando, elle é doido mesmo. Colchadôl tria brincar com soldadinhos de chumbo! Que graça!

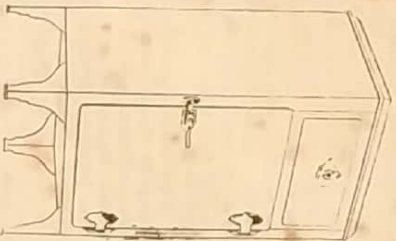
Durante tres ou quatro dias, João Doido não passou mais pelo meu portão aquélla hora de sempre. Quem sabe? pensava eu, elle se mudou do morro. E perguntava á garofada toda o que havia acontecido. Sempre que alguma se mudava elles sabiam. Mas de João Doido ninguém dava noticias.

Na vespera de Ano Bom, eu estava no portão, desprocurpadamente, quebrando uma aveia, quando o vi apparecer na esculina. Corri ao seu encontro, e notei-lhe alguma coisa de estranho. João Doido estava abalido... pallido... Com certeza estivera doente. Mas, para não lembrar alguma coisa triste, não lhe perguntei nada.

De repente começou a chorar. Eu sabia que elle estava chorando, porque tinha os olhos brilhantes, elle que sempre tivera os olhos bagos, dondativos de uma grande tristeza. Sentí uma coisa na

(continua na pag. 10)

REFRIGERADORES



DUPLI AUTOMATICOS
Westinghouse
Só o nome e uma garantia



Unidade em cima do armario, invisível e hermeticamente lacrada.

Ventilação forçada.

Buffet de boa altura.

Pés altos facilitando a limpeza.

Interior todo de porcellana.

Armarios inteiramente de aço.

Interior illuminado quando abrir a porta.

UNICOS DISTIBUIDORES

BYINGTON & C^o

5 PAULISTA - LARGO DA AMERICORDA - RIO DE JANEIRO - RUA SAO RUFINO, 140

Sarrasani

Eh, para o senhor Sarrasani, não vou fazer nenhum poema-blaqueur. Ele merece é um artigo de fundo. Uma prosa que possa despertar emoções de trapézio no espírito chateado do leitor. Não foi fazer alguma biografia Sarrasani, como homem pratico e bom psicologo — psicologo como emprazario de circo é ser grande e profundo psicologo — não delixon notinhas para se fazer tomance da sua vida. Não foi lido, não, que eu sei. Para a posteridade, construiu um circo. E, não foi palhaço, porfisso.

Sarrasani resistiu muito à charanga da musica velha de todo circo velho. Musica que não se iguala nem à desses gramofones-brinquetos que a gente apresenta das charangas. (Ah! a musica dos circos... A charanga dos circos é uma charanga!)

Mas ele andou tocando esta charanga por muito tempo, por muitos lugares. Na Inglaterra, na França, na Italia, na Turquia, no mundo inteiro e até no Brasil.

O mundo ainda tem meninos de calças curtas, de olhos encanados, de blusinhas de gola azul. O mundo ainda tem charangas. De calças curtas ou não. De salas ou não. E Sarrasani, profundo e intelligente psicologo (ocou a sua charanga mais alto (abida a musica explicando as grandes transformações que se passam no espirito de quem as ouve); foi à Africa guerrear leões, mais à Bengala, mais a India e converteu os seus prisioneiros e rebeldes a necessidade da Arte, a utilidade da Arte como fór. E como Anchieta e os missionarios correios, catechistas todos, foi letrinhão de Inácio com certeza para convencetotalmente os que ainda necessitavam. Os elefantes pesadões foram olhando e sentindo a força do chicote. Foram amolecendo, flexionando as patas, folto pilhões mais os leões, reis — reis sempre reis, que ficaram tão notos à ordem do chicote magico que chegam a vulnar ao ridiculo dos

reis, que não tiveram chicotes, mas mulheres. — Dinbarrys — ditricionarias. Os tigres de Bengala fizeram o mesmo. Os cavallinhos, os burrinhos — intelligentes — matematicos, tudo foi se convertendo ao estado do chicote.

Sarrasani sempre rezando no catecismo da fé. A fé do seu circo, ser das propoções do maior circo de todos os tempos?

Na biographia ja havia boa vontade enquanto houvesse chicote. Sarrasani parece que teve de lutar mais com os seus semelhantes que não temham chicotes. Mas que iam enfraquecendo a sua fé, ou deixando o seozinho. A musica, com certeza só melhorou, porque a charanga recebeu nome de orchestra com mastro de nome

O panes et circens. Pão para o circo. Havendo pão e circo para todo, circo havia pão e circo para todos.

Sarrasani cresceu. Ganhou bandeira azul e branca para guerrear as injustiças do tempo. O mundo de todo coibhorou na sua obra. Chinezes, tchecos, Ingêzes, alemães, brasileiros, turcos, polacos, porfinguezes.

Sarrasani morreu de coraçào.

Parece mentira. Sarrasani, que voce, a custo de chicotadas, fazendo valsar monstruosidades arithméticas, como elefantes, faldihvianas, como elefantes, fazendo valsar leões, tigres, mais camelos, não domasse seu coraçào fazendo-o obediente ao ritmo da charanga do trabalho, da persistencia, da tenacidade, da insistencia, da sua vida que tem a historia do maior circo que eu já vi, mais que não sei se tevei mais, mein gross Sorrasani...

Meismo assim houve tinguê no circo. Foi apenas um ato "desinteressante" que delixou de trabalhar para sempre, ou um animal indomavel que o domador matou...

Este Anno
Todos poderão dar magníficos presentes de natal, sem pensar em dinheiro.

Carnet - Creditario

da

A Exposição

permite a aquisição dos melhores e mais variados artigos, sem nenhum desembolso, no grande magasin do

coraçào da cidade:
Avenida, esquina São José.

armenio ayres

racionopatía

Ao ver tal titulo que diria o leitor do autor dehe? Poderá pensar que elle está imaginando um novo vocabulario ou mesmo, que elle proprio não racioclna com precisào.

Pego licença aos caros leitores para explicar a etimologia da palavra: — não ha egotobia? Alotobia? Pois no nosso caso trata-se de racionofobia. Perguntará ainda o leitor: qual a utilidade dehe? Eh mesmo não posso

assegurar praticamente, embora o Thomaz me tenha affirmado categoricamente a sua infabilidade. Assim me disse elle:

"Imaginé você que ha tempos eu andava perturbado com um namoro. Já meus modos alegres pareciam ter tido fim; já pensava em pedir aumento de ordenado. Já pensava ter uma sogra, entim, já pensava em me casar. Mas o que mais me preocupava, era notar que a minha eteila parecia nutrir amor somente por capicho. Viva eu, por isso, em sobressalto. Imaginando todos os homens como sendo meus rivals.

(continúa na pag. 10)

SALÃO CARLOS O
BARBEIRO E CABELEIROS
ATENDE-SE A CHAMADOS
MANICURE — A PARELHAMENTOS MODERNOS E TODOS OS
REQUISITOS DE HIGIENE

A. Cardoso Lucas

R. 7 DE SETEMBRO, 42 — Fone 23-5123 — Rio de Janeiro

O Salão Cardoso inaugurou de nova filial na ladeira São Chico, no 412, de Janeiro, à rua S. José n. 42, fundos onde atenderá, tambem os seus frequentes deseljando Honrs.—Festas e feliz Ano-Novo.

aventura arlequinesca

Douturo... seis horas da manhã.

A natureza se engala para receber, num deslizo de fraternalidade, os primeiros raios luminosos do deus apollo, que ainda boceja no horizonte insensato... o vento calmo da manhã, saturada da fresquidão salina do mar, recarrega-nos prodigamente as faces enfiando a "paqueta", salicando pesada e morosamente a flaccida e movelha planície do atlântico, certo com destino à pilotresca ilha do mesmo nome... o céu, de um azul azul claro, estende-se a meus olhos perquiridores e confunde-se, além, com o mar azul-verde certo do oceano que, ao longe, parece se eternizar...

embeveido, contemplo as nuvens polvorosas que desambulam vafuradamente ao céfiro, adquirindo as mais variadas formas... se olho para a côcoedra salha, vejo indistintas máculas de escuma, que se levantam em pequenas vagas inconstantes; e observei que em tudo ha um prazer celestial, não sei se é o novo dia que emerge ou se é a salina fúfima que shito, sendo por ambas...

é uma espécie de êxtasis que exerce um "for-trot", todo cheio de "bossas"; aquilo tudo de pratos que se chocam, de bumbos que saem, o "pian-pian-pian" de dois ou três bumbos, as notas agudas unisonas de dois pistões, um trombone e um saxofone, toda aquela confusão des-pertou-me bruscamente... volto os olhos pela barca, já então transformada em salha de danças, e demoro sobre os pares que pilotavam no solho; a discórdância de movimentos, secundada por aquela figurante divergência de sons, têm profundamente o meu gosto pela estela...

um samba-canção segue-se a este "for" harrnimento... exultando pela cadência da música, tiro também uma dança, e peço-me esmielhando entre aquela promiscuidade de cores, sexos e odores...

dephis resdiho-me a meu canto, nho solidário, voltando as costas para o improvisado salha... o vulto as milhas climas... no longe já se pode avistiar o dorso hirsuto da ilha, como se fosse uma face de amor erguida, a oferecer, ao céu e nos navegantes, a lascívia escumosa e odorante que se enleto encerra!... a delícia, no delasi, de tal admirável, penetravam os sentidos, delixando-me em todos os nervos o suave calor da impressão, que se refletia em minhas pupilas exultantes...

se eu, entretanto, fora apenas hipnotizado pelas belezas oceânicas e celestes, notava agora uma sensível e agradável propensão para um outro magneté, que o espírito não podia de pronto assimilar, mas que podia perceber devído a um calor humano feminino, assaz propiáquo a mim...

levado, talvez, mais por essa impressionável colorística que me percorria o corpo, do que pela força atrativa que dele emanava, meus olhos buscaram simultaneamente o poderoso fiano; e no fitido, após um chodue eldífico que me abison fibra a fibra todo o coragão, senti todo o meu ser vibrar internamente, ao passo que o coragão hacta hrrrrei; daí a fobre epula que se sucedem traxendo-me uma angústia inexplimável... é que junto a mim, e flitando-me demoradamente, estava uma jovem; mas que jovem, caros amigos!... já vistes alguma pessoa fóra do comum, que logo a primeira vista vos pós com dor de cabeça? algum que vos fez vibrar tanto que julgastes sofrer um colapso?

pois imaginai-a assim... não procurarei descrevê-la, seria exaltar vossa embéa... direi apenas, que seus cabelos eram louros, como devem ser os cabelos dos deuses na face da terra; seus lábios rubidos como o sacro da paponia sonifera; seu corpo portefito como se fosse a íntegra reprodução da "Venus de Milo", que adquirisae momentos; e que quando sorria formavam-se em suas faces dnas covinhas facetas, que bem podiam se-pulhar um bello... agora compreendereis porque ca-tivou-me tanto, se dá já não sóis também cativo...

e eu fiquei contemplando-a, contemplando-a admirável!... e, mais a admirar-la, mais a analisar-la, mais a contemplar-la, se éla, voltando as costas para o mar e ficando ao colorvelas na amurada da embarcação, não me dirigisse a palavra!

— namorando o mar? — pelo que me parece, é também um desses enamorados da natureza, enganando-me? — minha resposta foi apenas um gesto (anfibolético), e éla continou: — sou também romântica lacor-rível! — felicitosa, por isso que é muito triste viver-se afastado do amor: um ser apático, que não pode usufruir as delícias do amor, é um ser vazio, do si...

— já vê que vemos pelo mesmo prisma,

— fogo muito, senhorinha, — leongeto (lambem?) — não, apenas sincero; — não creio. — porquê, senhorinha? — porque? como pode haver sinceridade entre duas pessoas que se vêem pela primeira vez? — maior razão para que éla explique o que e quando a simpática pode penetrar em vossa "eu", não é verdade?

— então devo crer que já me ama perdidamente? — bem sabe que não é tanto assim, mas vejo que quer continuar em vossa "eu"...

— oh!... não, não foi esse o meu intuito... — olhe: estamos chegando! que pena termos de nos separar! — sérioamente? — quer então juntar-se conosco? — exijo-o, e o farei! — não me conceda o direito de exijir!

— porque? — posso tornar-me exigente de mais... — não importa, — pois bem, conseqüer a exijir desde já: irá conosco com uma condção: — diga-me: — enquanto estiver a meu lado há-de pensar sérioamente em mim... feito? — sim! — então até já, e apertando-me levemente o queixo inferior, salta para apunhar a bolsa, afim de desembarcarmos.

o "jazz" toca um "blue" lento e languoroso... encostado a uma pilastra, eu apre-ciava as partes volteando no centro do "bar"; reparando em minha solidão, éla acconou-se de mim, pousando sua destra em meu braço esquerdo... — não danas?, perguntou-me: — um pouco; mas não convém casuar-me desde já... — ora... quer que exlia mais claramente que venha danar comigo?

e sem dizer mais nada, arrastou-me para o cimento do "bar"... eu sentia-me nervoso, incapaz de dirigir os passos com firmeza, e éla, percebendo esse meu estado de excitação, acconhegou-se mais a mim, derrando sua dofrada cabeça em meu ombro direito; depois começou a cantar, a pérola de meu ouvido, a letra daquela música...

o meu nervosismo chegou ao cúmulo: cada palavra sua era uma injecção de lascívia quente e portu-mada, que me penetrava o corpo em vibrações e êxtases no cérebro em efervescência... o brigo que lhe cingia a cintura tremia-me tanto, que éla me perturbava com fingido ar inocente: — sente-se mal?

— oh... não é nada, disse-lhe esfergando-me por riri; mas porque me seduz tanto assim? — ainda não pude compreender? — com tal resposta transformei-me quasi que repentinamente... tornei-me em pouco expansivo e euando... as minhas palavras já não tinham aquele tremor que trata minha emoção; agora a usatlia me inclava diante de qualquer tecsa... — oh... éla estava-me... como em mo penill feliz!

foi há dois meses passados que se deu esta aventura; hoje, que tudo é passado, só me resta a memória de tudo isso; nem o seu nome me foi possível saber... lembro-me bem do que éla me disse ao perguntar-lhe o nome: — para que quer saber meu nome? — que lhe admirarei conhecer o nome, se não conhece a mulher? — quer que me compreenda, assim como eu o compreendo... que sabia ler em meu intuito o que eu posso revelar-lhe do seu... note que ainda não procurei saber o seu, porque saber o meu? — não achou maior encanto neste intuito cheio de mistérios?

— mas... é preciso que eu saiba o seu nome ou o apelido para que eu possa diferenciá-la das demais... — não... as almas não se diferenciam pelos nomes; há indivíduos que tem o mesmo nome e, no entanto, suas almas são as mais opostas... já vê que eu posso libertá-lo muito mais do que meu nome... e chegando-se mais para mim, de modo que seu hálito me atangesse os lábios... (continua na pag. 8)

Si V. S. pensa no futuro... procure o

Lar Brasileiro

Associação de Crédito Hipotecário

Ele o ajudará, pois é uma Gigantesca potência econômica - Formidável Potência Moral de trabalho e de virtudes.

Empreendos - Depósitos à prazo fixo ou não - Contas Correntes Limitadas.

Sede: **OUVIDOR, 90**
TELEFONE: 24-6064
(Réde Interua)

aristoteles

(continuação da pag. 1)

mo de sentir: ele existia; que as facilidades da alma estão e são superiores às sensíveis, distinguindo admiravelmente as sensações das ideias.

Considerava a lógica como orgão, instrumento das ciências, cuja que é igualmente estabelecida pela escola positiva.

Para o filósofo da Starçgra ha em nos duas espécies de conhecimento: **os immediatos**, atinentes aos actos, mas, verificados que não podem ser demonstrados e **mediatos** que necessitam da verdadeira gnosologia de raciocínio.

A mat'ria e a forma no sentir, dizia, existem unidas e os elementos vão em numero de quatro: **agil, ar, terra e fogo**.

O mundo é eterno e foi, depois de

criado por Deus, submetido a leis naturais.

No oitavo volume de sua monumental *Politica* nos mostra que as instituições valiam pelos homens que as exercem e que será ridicamente desprezavelio (tê-se boas leis si não se applicam antes de formar bens cidadãos).

É um apelo aos filósofos e legisladores para que tenham a mente voltada para a educação dos povos, mostrando a necessidade de ser conforme o espirito do governo.

Como os dirigentes do nosso país necessitam dos conselhos de um homem que viveu na virte e quatro séculos...

Considera a verdadeira Repúbl-

ca aquella que se funda na virtude e na justiça. Igual para todos no exercício de seus direitos e que a igualdade deve ser proporcional à riqueza.

Esse homem extraordinario classificou as espécies quase como Lamarck, advertiu (sim, não poderia ser de outro modo) as terminações nervosas, e dizia que os sentidos da muculação, da calorificidade, tinham orgãos correspondentes, illustradas pelo *egypio*, através das carnes!

Esse homem, só por ter dividido dos deuses de sua patria e por dedicar honras a sua esposa ididas ha divindades, esse homem orgulho da nossa espécie teve unicamente por isso que se exaltar não podendo, *siquer*, viver seus ultimos dias em seu torção natal!

sociaes

APARDECIMENTOS

Agradecemos o convite que nos enviaram os bachareis de 1934 para assistir á missa solenne que fizeram reaar na Igreja de São Francisco Xavier em acto de graças por terem completado o centso gñahual. Bem assim o convite para a collação de grau.

Ao joven poeta J. G. de Arrujo Jorge agradecemos a oferta de "Meu cén Interior", que nos fez. "Meu cén Interior" é o livro de est-trela de um poeta moço de grande futuro, como sóe ser Arraújo Jorge.

APARECIMENTOS

Jornal bem feito, interessante e moderno surgiu "Egide", sob a direção de A. Moreira, S. Souza e N. Lopez.

Ao novo irmão, "vetor" saudá e deseja um futuro brilhante.



DE
CAPA
AZUL

ary da matta destino

Quanta mulher passou em nossa Vida
Pelo nosso destino a pagar.

R. Gil.



A **NOVA LISTA DE ASSIGNANTES DE CAPA AZUL**, que está sendo impresso pela Companhia Telephonica Brasileira para o Rio de Janeiro, terá todas as detalhes sobre a pequena modificação que a Companhia Telephonica foi forçada a introduzir no systemo de numeração dos telephons no Rio.

Esta modificação só entrará em vigor no principio do proximo anno de 1935, depois de ter sido completamente feita a distribuição de aproximadamente 100.000 exemplares desta **NOVA LISTA DE CAPA AZUL**, e terminadas as complicadas modificações da delicada aparelhagem de todos os estagões para adaptal-as ao emprego de 6 algarismos.

Essa mudança, porém, pouco alterará os numeros dos aparelhos de assignantes já existentes—basta juntar o algarismo "2" antes do actual numero, para obter o numero, que, assim, terá **SEIS ALGARISMOS**. Acontece, que nos numeros dos telephons dos assignantes, o actual primeiro algarismo corresponde á estagão á qual o aparelho está ligado, correspondendo os outros quatro algarismos á linha em que o aparelho opta, no estagão. Nestas condições, sendo a estagão designada por um unico algarismo, só seria possível haver, no maximo, dez numeros para estagões no rde geral.

O progresso do Rio é tão vertiginoso que, muito breve, o cidadão precisará de mais de dez estagões telephonicas. A Companhia Telephonica só tem um remédio: é fazer corresponder dois algarismos a cada estagão e, assim, elevar no systemo de numeros, a possibilidade de acrescimo até cem.



Quanta mulher de olhar tristonho passa
E num sorriso a alma se adalgaca
Para melhor sofrer
Quanta mulher de olhar incompreendido
Lembranças de um amor sempre perdido
Que não pode querer...

Quanta mulher passando num desmaio
Com alma a desfolhar — Rosa de Maio,
Só por não ter amor.
Quanta mulher que os homens esqueceram
Que andando pelo mundo já morreram
De tristes ou de dor...

Quanta mulher esconde em sua vida
um drama triste e vae desprecebida
ver os outros chorar.
Quanta mulher sem honra, nem destino
Tem saudades de um filho pequenino
Que nunca foi beijar

Por isso amo todas as mulheres
De olhar molhado, voz de miseria
De tristonho viver
Por isso amo todas que conduzem
As desgraças que a si mesmo produzem
Sem pensar nem saber...

Por isso que a todas eu perdo
Das que vivem chorando me condo
As que vivem de dor...
E a todas as que erraram eu bendigo
A todas dou meu coraão de amigo
Pecaram por amor.

agon crissóstomos

di à l o g o

Ivan Duarte
(do internato)

a verdade pela historia

— Dize-me pãl, que é a vida?
— Filho, desdobra, estende o olhar na vastidão do curvo firmamento... Vês? A multidão dos astros, a brilhar, cambinha

na circunã eternal do movimento!
Sementes frígidas, grãbulos mesquinhos que repletam do chão numã floresta imensa, enverdecida — a vida.

— E o amor, meu pãl? que é o amor?

— Nunca viste, meu filho, pelas grimpas do arrevoado, nos beirais do trilho, flautinadas de passaros, rumor de ninhos — o Amor...

— E a morte, pãl? que é a morte?

— A morte, filho? a morte é o não... é a hurrredã, a inamovível negação de tudo que se quer:

Outro vida gloria... um sorriso de milã um corpo de mulher!

— Mostra-me, agora, pãl, essa força, essa mão passante e magetral que rege a orquestração, da vida universal!

O velho, a frente pallida pendem, balança o olhar e não me respondeu

Record

Humberto de Campos
e o seu ultimo livro

aparecerã em principios do proximo ano com 750 paginas a 5.ª edição da

Destino

BOTANICA

edição da

LIVRARIA JOSE OLYMPIO

OUVIDOR, 110

propaganda expontanea de "vetor"

Puxa!

Antes
de comprar sua casa,
procure a

**Cia. Brasileira
de Terrenos**
ROSARIO, 139 23-3970

Era um amanhecer suave... e a frescura da brisa matutina aflagava aquele infantil e meigo rosto, daquela criatura diminuta que, por mena obra do acaso, jazia all adormecida.

As folhas das arvores em redor, ricas em clorofila e ainda orvalhadas da noite anterior, balouçavam levemente, apas terem despertado de um profundo e preguiçoso sono.

Cantavam os primetros passarinhos alegremente e seus cantos repercutiam em sons metálicos e maviosos naquêle ambiente silencioso e belo, de uma atmosfera perfumada de lindas flores silvestres, que, visgosamente, desabrochavam, inclinando-se para o horizonte, onde nascia o majestoso sol, como que num alto habital de adoração.

Proximo, um pedregoso riacho que mais parecia uma pequena cascata horizontal, corria velozmente, com um ruido surdo e profundo...

All, no chão, estava uma criancinha que dormia. Longas madeixas, de cabelos aureos, finos e asselinados, não contradiziam com a cor alva e aveludada de sua epiderme. As palpebras cerradas, ocultavam o colorido e a expressão dos olhos; porém, notavam-se perfeltas sombriacelhas, longas e certas pestanas negras. Era a expressão máxima da innocência, da pureza e da beleza!

Seguia o sol a sua rota matematice e infalivel, e assim, tambem, as aves, os animais, os insetos, a natureza! Todos haviam despertado e entravam no periodo de atividade quotidiana!

Somente aquella criancinha não despertara, nem contemplara, ainda, a poesia daquela manhã. Somente ella, continuava dormindo no seu sono da innocência... E não se via o decorrer do dia... e não sentia que os raios de um sol a pino, indifirados pela fresca, mais aberta da denma cupula vegetal, criam causticantes sobre sua face delicada.

E não pensava tambem porque all estava, nem na solidão que a rodeava!

Parecia desconhecer o mundo, contudo, não se notava o arfar natural de sua respiração; nem um tremor sequer agitava aquêle corpo que parecia mais uma hinda e perfeitissima estatua perdida no acaso.

E os passarinhos, as arvores, as pedras, entim, toda a natureza, chorou e sepultou aquêle corpo que ja viveira vida.

Aquêle gracioso corpo, fruto do fenomeno biologico mais grandioso, mais natural que existe — a fecundação — e que fora all abandonado; somente porque uma falsa clausula estabelecida por uma organização hipocrita e mentirosa, chamada sociedade, condemnava aquêle alo tão sublimem, de criminoso!

E como tal, o fruto daquêle crime não poderia viver!

E a falsa logica mostrou que devia deixar de existir!

* * *

Passou-se assim, naquêle dia... e tudo voltou ao silencio lugubre da noite!

E o riacho, sempre monotonico, com o seu eterno ruido surdo e caracteristico, levou consigo a ultima impressão daquêle dia, o primeiro crime da humanidade civilizada.

aventura
arlequinnesca

(continuação da pag. 6)

— quanto a este, chama-me de "meu amor"; não na pnde conter mais... na melã, entre os meus braços embriacados e...

que druzal, o meu "Borboleta" acobria de me desportar com sua utilitar' iocivante!

Um im im im im im

maldivo "Borboleta"!

— maravilhavi! — exclamã ao tra-velo-

e não é para menos

710 do Jazeiro —

Livros Novos

Octavio Travençolo 4\$000
O Menino
Guacãdo Pereira da Silva 5\$000
Ultimo Vermelho
S. Freudman
A Educação na
Rusãia Soviética 7\$000

ADERSEN - EDITORES
Preço: 10\$000

A
EDITORIA RECORD

Rua do Lavradio n. 60 - 1.

Gracopolina — L. Sétis
Verissimo e Varsza 12\$000

A menuda de olhos azues —
Balzac 3\$000

conto de Alfredo tranjan

Luizinho, poeta comunista

Taf o que é "esse negócio de comunismo"...

E ante o olhar perplexo da ródia, concluiu:

— O Dr. me disse também que "eles" deixam crescer a barba e o bigode. Querem ficar diferentes!

Esta última frase caiu de assalto, no espírito de dona Quitéria, e atormentou-a até á hora de chegar o Luiz.

Abi Bandido! Então, porisso é que não se queria barbeari Mo- léque surfado! Pensava que, por ter 17 anos e estar no quarto ano ginasial, havia de mandar no seu nariz? Paffei! Não se barbeava mais... Comunista, hein? Verai! Verai!

Nessa tarde, Luizinho, ao voltar do Ginasio, levou a mala tremenda surra de sua vida. E na presença de toda a vizinhança. Toda, sim. Pois, desta vez, até a Basiliana do Bento, quebrando a jurma entrou no quarto prá gozar a turda.

Dona Quitéria amarrou o filho a uma cadeira, xingando e burlando. Depois ensabouu-the o rosto, furiosamente, e fez correr a navalha, empregnada pelo "seu" Gaudêncio a cujo contato foi desapparecendo, aos poucos, — morta por Mosconi! — a barba rala, muito rala, do Luizinho.

Quando a lavadeira appareceu á porta do quarto, alôbrada, os olhos deste lamambo, dona Quitéria acudiu pressurosa:

— Que é isso, Francisca? O que aconteceu?

— Qual comadre! desbarrufou a recém-obrigada, alirando sobre uma cadeira os seus noveenta e poucos quilos. Imagine, eu, ontem, levei a roupa do Luizinho, prá lavar, não foi? Pois bem; antes de pôr no tanque a calça listadinha, trefei de examinar os bolsos, como de costume. A senhora sabe não é, comadre? —

— Tenho muito cuidado com a roupa do Luizinho.

— Mas, afinal, o que houve, mulher? Diga logo!

— E, mesmo, hein, comadre? Quem diria que o seu filho Luizinho...

Rastolejou, cansada, e meteu a mão esgorducha pelo decote do vestido; tirou de dentro uma folha amarrada de papel, e entregou-a a dona Quitéria, enquanto fazia, com a mão direita, o sinal da cruz:

— *Credo!* Cruz! *Trecojurou!* Taf o que achou no bolso dele.

Dona Quitéria, mais nervosa ainda, recebeu o papel que a comadre lhe entregava e se pôs a lê-lo em voz alta:

"A MISERIA SEM FIM

de Luiz Pedro.

Vejo dentro da tréna a mágoa que trilhava o braço do operário.

Mágoa assassina! Eu hei de te [ladrai] Triturarte o braço do operário e de frou

na miséria sem fim."

Havia mais. Dona Quitéria, em que nada comprehendera, parou nesse ponto. Ia fazer uma pergunta á gorda Francisca, mas esta já se levantára da cadeira, para lhe vomitar, muito baixinho, no ouvido, a verdade crua:

— O seu filho, comadre, é... é... comunista!

Dona Quitéria rolou pelo chão, que acudissem! Que o ar lhe falava!

"Chullique" típico! Foi sem par o alvoroço pela casa, quando a nova estourou.

Todas as vizinhas se reuniram no quarto de dona Quitéria. Todas, não. Faltava a Bastiana, do Bento. Essa, desde o dia do casamento, não queria ver a Quitéria, nem pintada.

Depois de tudo acalmado, a Maria, que também "não entendera tostado" do que estava no papel, aventurou:

— Como é que a senhora, sobre dona Francisca?

— Não vê, respondeu esta, que eu logo desconfie?

Guardel a coisa e, hoje cedo, quando entreguel a roupa ao Dr. Armando, — aquêle moço que es-tuda prá advogado, — eu lha mostrei, pedindo que me explicasse o que estava escrito. Quando chegou aqui, — deixe ver o papel, comadre, — ele disse que era uma poesia comunista. *Oi só! Táio lendo?* Aqui: "bendito seja o nome de Lenhe!"

E a lavadeira mostrava, trilhante, a toda a quella roda amalheba, o papel comprometedor.

— Mas, há perigo, comadre? perguntou dona Quitéria, pensando no filho.

— Qual o quê! "Isso" não vem, respondeu a gorda, Francisca. O Dr. Armando diz que os comunistas, no Brasil, andam de cartóia e automovel... Como são burros, tratam de fazer burrullo, prá chamar a atenção. Mas a policia val *da cabo dáles*. Então uma pessoa, como a comadre, trazinha a vida toda, prá juntar alguns dinheiro, e depois val ser obrigada a dividir com os vagapundós?

A Companhia Brasileira de Cinemas

desejando aos frequentadores do Palácio, Odeon, Gloria, Imperio e Ipanema

BOAS FESTAS e FELIZ ANNO NOVO

tem o prazer de apresentar o seu PROGRAMA DE NATAL, a começar do dia 24:

Palacio

Um film de amor, de sport e de sensação da METRO-GOL-DWYNN-MAYER com ROBERT YOUNG e MADGE EVANS

A Mão Invisível — (Death on the Diamond)



A PARAMOUNT apresenta quatro artistas esplendidos: W. C. FIELDS — BABY LE ROY — JACK MULLAL e JUDITH ALLEN em

No Tempo do Onça — (Old Fashioned Days)

Odeon

Gloria

Um grande trabalho de grande sensação, em que tomam parte os artistas da WARNER BROS — RICHARD BARTHELMESS e ANN DWORAK

em O Alibi da Meia-Noite — (Midnight's Alibi)

Filme da First National

DOIS FILMS DA 'UFA' — Bem próprios para o Natal!

Estou feliz por voltares

com MADDA SCHNEIDER e WOLF ALBACH RETTY.

A Terrível Armada

Imperio

Uma historia de grotos detectives, que atacam e vencem um ladrão!



joão doido

(continuação da pag. 4)

garantia... queria falar e não podia. Meus olhos ficaram ardoendo, ardendo, e não contive um soluço que o acordou de um estase profundo. Foi com a voz embargada ainda, num grande esforço, que me pedi para arranjarmos quatro velas.

Tive logo uma ideia feliz. No meio da sala, estava armada a Arvore de Natal, grande, muito maior do que eu cheinha de brinquedos e velas. Seria fácil, facilissimo, roubar quatro velas e satisfazer a vontade de João Doido.

Nesse dia, pela primeira vez, elle se curvou para beijar minha testa, e, pela primeira vez, eu achei alguma explicação para um pedido de seu. Talvez, não houvesse luz no mórto, e elle quizesse as velas para iluminar o barracão, ao mesmo no entrar o Ano Novo. Mas, por que quatro? Quem sabe lha acende-lhas a algum santo predileto?

Julguel razoavel a explicação e soseguel.
A meia noite, a barulhada foi infernal. Trens que aplavam-fabricas, automoveis buzinhando... e uma chuva forte. De vez em quando o ronco de um trovão. Até parecia que a natureza saudava o novo ano.

Doutor-da-casa, xibidos-frutas, doces, nozes, tudo, tudo alegrando a todos, menos a mim. Eu sentia uma tristeza em tudo, porque pensava na pobreza de João Doido, sem nada, nem luz para iluminar o barracão. As velas durariam tão pouco...

Já era bem tarde, quando, remembering as birchadeltras do dia, pensando nos presentes, adormeci.

Sonhei com João Doido, vestido de Papai-Noel, tão bom que elle era.

Uma gratiaza veiu da rua perturbar meu sonho. E distingui a voz de Chico Pé de Palo.

Talvez a garotada festejasse o Ano Bom ou os novos brinquedos Não sei. Só me lembro que corri a janela para ter uma grande delusão.

Lá em cima da rua, vinha des-

cendo um homem. Trazia um calxiozinho no cabeça.

Pela Alegria do Chico Pé de Palo, devia ser João Doido. Contudo, era doido mesmo. Em rodado a molecada toda, radiante com o pluvioso do queiro, revessava os olhos chaocotes. Fechel a janela pra não ser mais vexida.

De repente, o barulho cessou. Que teria acontecido?

Não me foi difficil chegar até a rua.

Encaminhei-me na direção da garotada. Esquivam todos para dos na porta do cemitério.

Lá dentro João Doido, ajoelhado á beira duma sepultura, tinha ao lado o calxiozinho, sobre um monte de terra.

Buriei a vigilância do guarda, que não deixava entrar crianças, e corri para João Doido.

Quando cheguei bem junto dele, a lampa do calxiozinho estava aberta. Sem rotar a minha presença, curvou-se e beijou um calxio pequeno. Era uma criançazinha louca, linda como ella só, bonita como os anjinhos do altar da igreja, vestidinha com a minha roupa de marinho. Nos quatro cantos, os restos das velas do Natal.

E, então, eu compreendi tudo, tudo, toda a historia da vida de João Doido.

E... ele era doido, sim. Doido por amor.

raciocinopatia

(continuação da pag. 5)

Enhão, eu comeei a refletir sobre se meu rival não possue, como dizem, tão belas qualidades físicas e morais quanto eu (é natural que o Thomaz tenha se vendido) em vez de ella o desprezari, ao contrario: elle é que a havia desprezado.

Enhão?

O que se poderia concluir disso?

E' que o rapaz a havia analisado mais do que eu. De facto, analisando-a, tambem, notei que seus cabellos castanhos não eram de um castanho tão especial quanto eu imaginara. Sua boca era um pouco grande, sim, e chovava até a ser enorme em relação ao rosto. Seu corpo, que outrora me parecia de um delgado tão suave, se me apresentava de um fino esagerado, quasi esqueleto. Seus dentes, que durante tanto tempo me foram perfectos, ao reparar bem agora, mostravam-se me um pouco separados; um pouco, não, quasi que separadissimos. E a conversa? Já não tinha aquella suavidade mas sim, uma mistura de tratamento corroborada pelos esquecimentos do plural das palavras.

Enfim, ao fazer mentalmente, tal descrição, notava que eu não me fascinava mais. Até então, eu estava alucinado, mas, finalmente, me sentia curado. E quando saber como? Simplesmente pelo raciocínio.

VOZES...

Segundo os jornais, foi feita, recentemente, a uma firma d'armarquesa, encomenda de fabulosa quantidade de material de guerra, destinado, ao que se supõe, a allmentar a luta de Chaco. Ao mesmo tempo, dados estatísticos provenientes da Liga das Nações informam que só na guerra entre o Paraguai e a Bolivia, pereceram, diariamente, cerca de 300 combatentes.

"vetor", como orgão pacifica que é, não podia deixar de dar noticia de tão lamentavel fato, valendo este como advertencia a todos os jóvens e, principalmente, aos operarios em maquinas de destruição, lembrando-lhes que aquelles mesmos aparelhos por elles fabricados cedo ou tarde se voltaria contra lmaos seus senão contra elles, proprio!

Menino de engenho

Leia esta formidavel noticia que consagrou

José Lins do Rego

(propaganda espontanea de "vetor")



A METRO-GOLDWYN-MAYER

Agradece aos Srs. Estudantes pela preferencia que sempre deram a seus artistas:

Greta GARBO, Joan CRAWFORD, Norma SHEARER, Helen HAYES, Jeanette Mac Donald, Clark GABLE, Robert MCNTGOMERY, Jean HARLOW, Wallace BEERY, Ramon Novarro, Maurice Chevalier, William Powell, Lionel Barrymore, Jackie Cooper, Laurel & Hardy, Myrna Loy, Jean Parker.

Um film da Metro-Goldwyn-Mayer é sempre um film de successo

Santelmo

O rei dos sabonetes.

O sabonete do estudante.